

IMPACTOS DAS FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA IMUNIZAÇÃO NO BRASIL

IMPACTS OF FAKE NEWS AND MISINFORMATION IN THE CONTEXT OF IMMUNIZATION IN BRAZIL

IMPACTOS DE LAS NOTICIAS FALSAS Y LA DESINFORMACIÓN EN EL CONTEXTO DE LA INMUNIZACIÓN EN BRASIL

Sabrina Sousa da Silva¹
Giovanna Liz da Silva²
Vânia Maria Alves de Sousa³

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar os impactos da fake news e da desinformação no contexto da imunização no Brasil, considerando sua influência na adesão da população às campanhas vacinais. A metodologia empregada consistiu em uma revisão integrativa da literatura, guiada pela seguinte pergunta norteadora: como a disseminação de fake news e desinformação afeta a adesão da população brasileira às imunizações? Para tanto, foram realizadas buscas nas bases PubMed, LILACS e Medline, utilizando os descritores “Vacinas”, “Desinformação” e “Brasil”, combinados com o operador booleano AND. Foram incluídos artigos em português, publicados entre 2020 e 2025, que respondessem diretamente à questão proposta. Foram excluídos estudos duplicados, em outros idiomas, incompletos ou de caráter não científico. Os resultados evidenciam que a desinformação, intensificada pelas redes sociais e pelo contexto de polarização política, contribuiu para o crescimento da hesitação vacinal no país. Esse fenômeno impactou negativamente a cobertura vacinal, enfraqueceu campanhas de imunização, favoreceu a ocorrência de surtos de doenças preveníveis e ampliou a desconfiança da população em relação à ciência. Conclui-se que enfrentar a hesitação vacinal exige o fortalecimento de estratégias educativas, a promoção de uma comunicação em saúde clara e a atuação efetiva de profissionais.

1215

Palavras-chave: Vacinas. Desinformação. Brasil.

ABSTRACT: This study aimed to analyze the impacts of fake news and misinformation in the context of immunization in Brazil, considering their influence on the population's adherence to vaccination campaigns. The methodology consisted of an integrative literature review, guided by the following research question: how does the dissemination of fake news and misinformation affect the adherence of the Brazilian population to immunizations? Searches were conducted in the PubMed, LILACS, and Medline databases, using the descriptors “Vaccines,” “Misinformation,” and “Brazil,” combined with the Boolean operator AND. Articles published in Portuguese between 2020 and 2025 that directly addressed the proposed question were included. Duplicated studies, publications in other languages, incomplete works, and non-scientific materials were excluded. The results show that misinformation, intensified by social networks and the context of political polarization, contributed to the growth of vaccine hesitancy in the country. This phenomenon negatively impacted vaccination coverage, weakened immunization campaigns, favored outbreaks of preventable diseases, and increased public distrust of science. It is concluded that addressing vaccine hesitancy requires the strengthening of educational strategies, the promotion of clear health communication, and the effective engagement of professionals.

Keywords: Vaccines. Misinformation. Brazil.

¹Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho.

²Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Santo Agostinho.

³Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente pela Universidade Estadual do Ceará.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar los impactos de las noticias falsas y la desinformación en el contexto de la inmunización en Brasil, considerando su influencia en la adherencia de la población a las campañas de vacunación. La metodología consistió en una revisión integrativa de la literatura, guiada por la siguiente pregunta de investigación: ¿cómo afecta la difusión de noticias falsas y desinformación la adherencia de la población brasileña a las inmunizaciones? Se realizaron búsquedas en las bases de datos PubMed, LILACS y Medline, utilizando los descriptores “Vacunas”, “Desinformación” y “Brasil”, combinados con el operador booleano AND. Se incluyeron artículos publicados en portugués entre 2020 y 2025 que respondieran directamente a la pregunta planteada. Se excluyeron estudios duplicados, en otros idiomas, incompletos o de carácter no científico. Los resultados muestran que la desinformación, intensificada por las redes sociales y el contexto de polarización política, contribuyó al aumento de la vacilación frente a la vacunación en el país. Este fenómeno impactó negativamente la cobertura vacunal, debilitó las campañas de inmunización, favoreció brotes de enfermedades prevenibles y aumentó la desconfianza de la población en la ciencia. Se concluye que abordar la vacilación vacunal requiere fortalecer estrategias educativas, promover una comunicación en salud clara y contar con la actuación efectiva de los profesionales.

Palabras clave: Vacunas. Desinformación. Brasil.

INTRODUÇÃO

As vacinas são medicamentos que contém antígenos enfraquecidos ou inativados, aplicados nas pessoas com o intuito de desencadear uma resposta imunológica do organismo, produzindo anticorpos que serão necessários em casos de exposição aos agentes causadores de doenças, como vírus e bactérias, dessa forma, atenuando possíveis sintomas e complicações (Fiocruz, 2022).

A primeira forma de vacina surgiu no século XVIII, criada pelo médico britânico Edward Jenner, que ao observar camponeses do interior da Inglaterra que contraíram a cowpox, um tipo de varíola bovina, menos ofensiva, não adoeciam após contato com a varíola humana. Sendo assim ele inoculou o vírus da varíola bovina em um menino de 8 anos, que manifestou uma forma branda da doença e após sua recuperação foi novamente exposto, ao vírus humano dessa vez, e não manifestou sintomas (Instituto Butantan, 2021).

Por conseguinte, a primeira campanha de imunização brasileira, liderada pelo médico sanitário Oswaldo Cruz, ocorreu em 1904, onde foi enviado ao congresso um pedido de obrigatoriedade da vacinação contra varíola, em que era permitido também se entrar nas casas, mesmo sem permissão, o que não foi bem aceito pela população (Nogueira *et al.*, 2021). Em conjunto com a insatisfação popular pelas reformas urbanas, a desinformação sobre os imunizantes e a obrigatoriedade da vacina levaram a tão conhecida Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro (Conasems, 2022).

O Brasil é referência mundial quando se trata de imunização, com o Programa Nacional de Imunizações (PNI) criado em 1973 pelo Ministério da Saúde, que conseguiu modificar o perfil epidemiológico do Brasil. Através do controle e erradicação de doenças preveníveis como varíola e a poliomielite, mesmo com um país de dimensão continental, garantindo dessa forma, o direito à saúde universal, previsto na Constituição de 1988 (Instituto Butantan, 2023).

Em contrapartida, com o surgimento da globalização e consequente avanço da tecnologia, o mundo vivencia uma enxurrada de informações, sendo muitas dessas, inverdades, que se disseminam com grande facilidade e rapidez, sendo difícil de se desmentir para a população de maneira simplificada. Nesse sentido, segundo o historiador Laurent-Henri, foi falado durante a entrevista que, o medo da vacina não seria devido à falta de informação e sim ao excesso, e as pessoas ficam sem saber em que acreditar (Nexo Jornal, 2023).

As notícias falsas, popularmente chamadas de “fake news”, termo em inglês, tem se alastrado nos meios de comunicação, principalmente nas redes sociais, e encontram como terreno fértil uma população hiperconectada e desinteressada em verificar a procedência de tais informações (Galhardi *et al.*, 2022).

Recentemente presenciou-se esse fato durante a pandemia de Covid-19, onde enfrentou-se também uma infodemia, com a disseminação de notícias sem embasamento científico. Levando a alta recusa das pessoas às vacinas e a utilização de métodos alternativos, de cunho popular, como forma de evitar a doença (Brasil, 2025).

Ademais, pode-se verificar em pesquisas epidemiológicas realizadas pelo Ministério da Saúde, que a partir de 2016 há o declínio da cobertura vacinal no Brasil para algumas doenças, o que acende um alerta para o ressurgimento de doenças já controladas e erradicadas. Uma hipótese para esse abandono seria que as novas gerações não tiveram contato com algumas doenças que atualmente estão controladas, o que causa a falsa sensação de proteção (Homma *et al.*, 2023).

Porém essa é uma percepção errônea, que leva a exposição de pessoas não imunizadas aos vírus causadores de enfermidades, podendo gerar aumento no número de casos e óbitos que poderiam ser evitados, como, por exemplo, o surto de sarampo ocorrido em 2018, na cidade de Rondônia, doença a qual o Brasil já estaria livre desde 2016 (Conasems, 2022).

Diante desse cenário, o estudo tem como objetivo analisar os impactos das fake news e da desinformação no contexto da imunização no Brasil, considerando seus reflexos sobre a percepção da população, a adesão às campanhas vacinais e os desafios impostos aos profissionais e gestores da saúde.

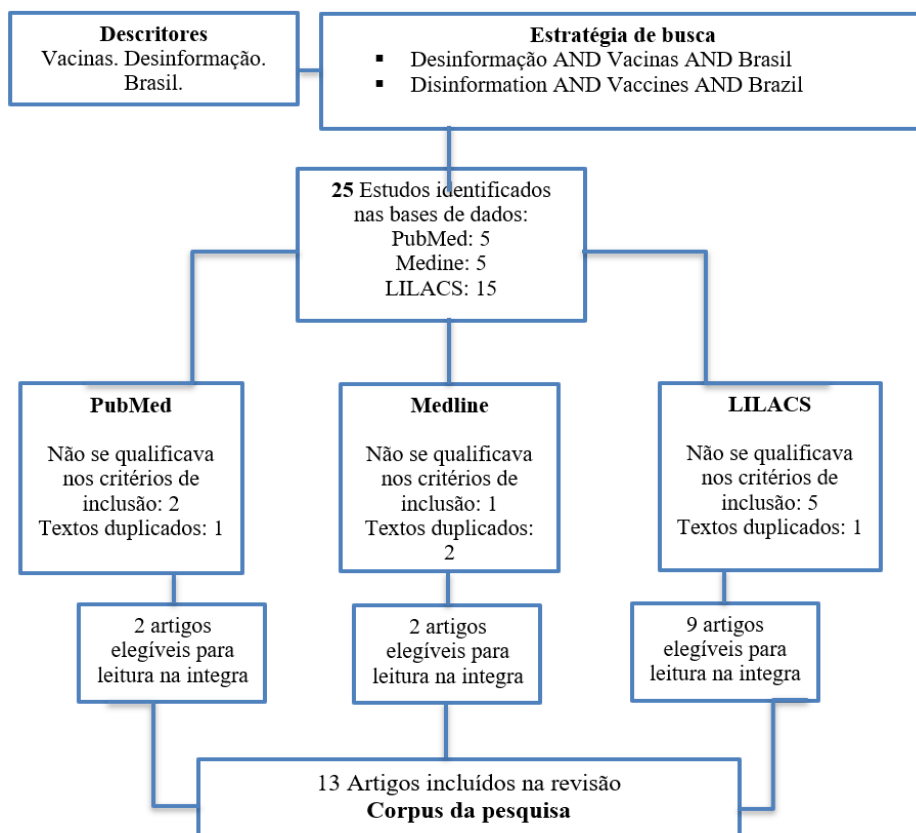
MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, estruturada em seis etapas sendo, formulação da pergunta norteadora; seleção das bases de dados e definição dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos; determinação das informações que serão extraídas dos trabalhos selecionados; avaliação crítica dos estudos incluídos; análise e interpretação dos achados; e apresentação dos resultados e síntese do conhecimento obtido (Whittemore, 2005).

Foram utilizados como critérios de inclusão, artigos publicados no idioma português que abordem os impactos das fake News e da desinformação na cobertura vacinal no Brasil, sendo empregado o recorte temporal dos últimos 5 anos (2020 a 2025) com o objetivo de utilizar as pesquisas mais recentes sobre a temática. Os critérios de exclusão: Artigos em outros idiomas que não sejam o português, teses, dissertações, editoriais, monografias, estudos duplicados e estudos que não correspondem aos objetivos da pesquisa. A coleta de dados foi realizada nas bases de dados: PubMed (National Library of Medicine), Medline e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Com base nos descritores referenciados na base Descritores em Ciências da Saúde (Decs): Vacinas; Desinformação e Brasil, combinados com o operador booleano “AND”. Para a extração de dados, foi construído um instrumento que contém as variantes: autor, ano, tipo de estudo, objetivo e resultados. Na análise de dados proposta, os pesquisadores seguiram uma abordagem rigorosa, buscando garantir a integridade e a validade dos resultados. Foi feita a leitura dos artigos e posteriormente a realização de uma comparação meticulosa dos dados obtidos, atentando para aspectos semelhantes e discrepantes. A seleção das informações coletadas das pesquisas revisadas foi conduzida de acordo com a questão norteadora e os objetivos a serem abordados, garantindo assim uma análise precisa e abrangente.

Foram identificados 25 artigos por meio das buscas realizadas nas bases de dados. A busca manual, realizada nas listas de referências dos estudos incluídos, não resultou em novas publicações. Após a exclusão de quatro duplicatas, restaram 21 artigos únicos, cujos títulos e resumos foram lidos de forma independente. Com base nos critérios de elegibilidade, 08 estudos foram excluídos por não apresentarem caráter original, estarem redigidos em idioma diferente do português, não abordarem especificamente os impactos das fake news e da desinformação no contexto da imunização no Brasil ou por não atenderem aos objetivos da pesquisa. Assim, 13 artigos foram selecionados para leitura na íntegra, compondo a amostra final desta revisão. Tal procedimento está ilustrado no fluxograma adaptado PRISMA (Figura 1).

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos na PubMed, Medline e LILACS, 2025.



Fonte: SILVA, SS; SILVA, GL, 2025.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final foi composta por artigos, publicados no período de 2020 a 2025, provenientes das bases PubMed (2), LILACS (9) e Medline (2). Em relação ao delineamento metodológico, identificaram-se cinco estudos de abordagem qualitativa, um de abordagem quantitativa, dois de abordagem mista, um ensaio e quatro estudos descritivos transversais, evidenciando a diversidade metodológica na produção científica sobre a temática. Observou-se que o tipo de estudo mais recorrente foi a abordagem qualitativa. As revistas com maior número de publicações sobre a temática foram a Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, com 5 artigos, e o Cad. Saúde Pública, com 4 artigos. No que se refere à formação dos autores, os estudos foram desenvolvidos por profissionais das áreas de Comunicação, Ciências da Informação, Ciências Sociais, Enfermagem, Educação e Psicologia, além de mestres em Saúde Coletiva, médicos e pesquisadores vinculados a departamentos de Saúde Pública e Saúde Coletiva. Após leitura criteriosa, foram selecionados 13 artigos que

contemplaram a pergunta norteadora e atenderam aos critérios previamente estabelecidos para esta revisão (Quadro 1).

Quadro 1. Caracterização dos artigos selecionados = 13.

Nº	Autor e ano	Revista	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
1	Santiago <i>et al.</i> , 2024	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	Estudo de análise qualitativa	Analisar os discursos sobre a vacina contra o HPV presentes na rede social X no ano de 2023 no Brasil,	Embora o X seja amplamente utilizado para a propagação de notícias falsas e teorias conspiratórias relacionadas à vacinação, essa plataforma também pode constituir um recurso estratégico para monitorar e fortalecer as campanhas de imunização.
2	Mota; Pimentel; Oliveira, 2023	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	Pesquisa exploratória e descritiva	Observar o fenômeno de hesitação vacinal e a opinião pública em relação à vacina CoronaVac contra a covid-19, a partir da análise de falas públicas do presidente Jair Bolsonaro	Foram identificadas desordens informativas classificadas como má informação (17,6%), informação incorreta (47,1%) e desinformação (35,3%) em todas as manifestações analisadas. Essas distorções comunicacionais favoreceram o surgimento de sentimentos de desconfiança e estimularam atitudes coletivas de hesitação vacinal frente à covid-19.
3	Rosa; Barros; Laipelt, 2023	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	Estudo documental-qualitativa	Identificar elementos ideológicos e históricos diante das formações discursivas do discurso antivacina no Brasil, à luz do passado (Revolta da Vacina) e do presente (pandemia da covid-19).	Foram reconhecidas três dimensões centrais no discurso antivacina: a) temor diante do desconhecido e descrença quanto à eficácia dos imunizantes; b) questionamentos relacionados à honra e à influência de interesses institucionais na vacinação; c) associação entre liberdade individual e morte, marcada pela resistência à obrigatoriedade da imunização.
4	Fernandes; Montuori, 2020	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	Estudo de perspectiva descritiva	Contrapor o conjunto de argumentos em que se apoiaram as <i>fake news</i> contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho', divulgadas na página do Facebook	O novo ambiente midiático favoreceu a disseminação de informações falsas sobre a vacinação, sustentadas por dados que aparentam possuir base científica, mas que não decorrem de experimentação ou de métodos confiáveis.

5	Dresh <i>et al.</i> , 2021	Tempus – Actas de saúde coletiva	Estudo de abordagem mista	Analisar os textos classificados como fake news sobre vacinação, disponibilizados pelo portal do Ministério da Saúde do Brasil, chamado “Saúde sem Fake News”.	Esse impacto ultrapassa a esfera da saúde individual e repercute no perfil epidemiológico da sociedade. Diante da relevância do tema no âmbito da prevenção em saúde, torna-se premente a implementação de mecanismos de regulação que orientem a produção e a circulação de informações falsas.
6	Massarani ; Leal; Waltz, 2020	Cad. Saúde Pública	Estudo qualitativo de caráter exploratório	Investigar o engajamento e as interações nas redes sociais sobre as vacinas.	Predominância de posicionamentos favoráveis à vacinação (87,6%) e um expressivo interesse por temas relacionados à saúde, ao avanço científico e às políticas públicas na área. Entretanto, observa-se que parte das fontes de informação mais consultadas não explicita critérios editoriais, políticas de publicação ou autoria, o que compromete a avaliação da qualidade e da veracidade do conteúdo disponibilizado.
7	Oliveira <i>et al.</i> , 2025	Cad. Saúde Pública	Estudo qualitativo	Compreender quais são os elementos de desinformação presentes na percepção pública	Um terço dos comentários analisados continha algum tipo de conteúdo desinformativo, evidenciando a urgência de desenvolver

				sobre a chegada das vacinas contra a dengue no Brasil.	estratégias diversificadas para prevenir e combater a disseminação de informações falsas.
8	Simões <i>et al.</i> , 2024	Revista do SUS	Estudo observacional do tipo transversal	Descrever as coberturas e hesitação das vacinas do calendário básico infantil em Belo Horizonte e Sete Lagoas, Minas Gerais.	A cobertura vacinal global com doses válidas e a hesitação frente a pelo menos uma vacina foram, respectivamente, de 50,2% (IC95% 44,1–56,2) e 1,6% (IC95% 0,9–2,7) em Belo Horizonte (n = 1.866), e de 64,9% (IC95% 56,9–72,1) e 1,0% (IC95% 0,3–2,8) em Sete Lagoas (n = 451), apresentando variações entre os diferentes estratos. O medo de reações adversas graves constituiu o principal fator associado à hesitação vacinal.
9	Galhardi <i>et al.</i> , 2022	Ciênc. saúde coletiva	Estudo quantitativo	Analisar a evolução das notícias falsas disseminadas a respeito das vacinas e do vírus Sars-CoV-2 e os impactos negativos desse fenômeno sobre a crise sanitária que o Brasil atravessa.	Observou-se a disseminação em larga escala de fake news sobre vacinas, fortemente associadas à polarização política no Brasil, tornando-se predominante aproximadamente quatro meses após a confirmação do primeiro caso de COVID-19 no país.
10	Salvador <i>et al.</i> , 2023	Cad. Saúde Pública	Estudo descritivo de	Desvelar os motivos para hesitação vacinal de pais e/ou	Os principais motivos pelos quais pais e/ou responsáveis optaram por não vacinar ou

			abordagem qualitativa	responsáveis de crianças e adolescentes para prevenção da COVID-19.	permanecem indecisos quanto à vacinação de crianças e adolescentes contra a COVID-19 incluem o receio de que a vacina ainda estivesse em fase experimental, bem como o medo de reações adversas imediatas e de efeitos a longo prazo.
II	Lira <i>et al.</i> , 2022	Revista De Enfermagem Da UFSM	Estudo transversal descritivo	Analisar fake news sobre COVID-19 veiculadas no site fact-checking "Aos Fatos".	A disseminação de informações falsas sobre a COVID-19 favoreceu a descrença na ciência, possivelmente comprometendo a adesão às medidas oficiais de prevenção recomendadas no Brasil e impactando negativamente o engajamento da população.
12	Oliveira; Bezerra; Oliveira, 2024	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde	Ensaio	Propõe a aproximação entre uma perspectiva metodológica, alicerçada na Teoria Ator-Rede, e a temática, sugerindo a cartografia da controvérsia como ferramenta para investigação.	O ensaio evidencia as interações entre os atores envolvidos na hesitação vacinal e suas respectivas ações, propondo a construção de uma rede que represente a disseminação desse fenômeno no período de 2021 a 2022.
13	Souto <i>et al.</i> , 2024	Cad. Saúde Pública	Estudo qualitativo	Analisar a percepção da hesitação vacinal infantil da vacina contra a COVID-	A desinformação vacinal esteve associada às fake news sobre os imunizantes e seus possíveis efeitos

				19 no Brasil, ponto no qual almeja ser inovador.	adversos, ao fenômeno da infodemia e à falta de orientação e conhecimento adequados sobre a vacinação.
--	--	--	--	--	--

Fonte: SILVA, SS; SILVA, GL, 2025. Dados extraídos de PUBMED, LILACS e Medline.

Assim, após a leitura e análise dos trabalhos selecionados, a presente discussão será fundamentada nos 13 artigos reunidos. Conforme apontado por Lira *et al.* (2022), no contexto brasileiro, a fake news têm sido um dos principais fatores responsáveis pela redução das taxas de imunização. Seus impactos tornam-se ainda mais graves em situações de epidemias, quando ocorre a disseminação de informações e orientações contrárias ao conhecimento científico e à realidade dos fatos.

Estudos destacam a pandemia de COVID-19 como um marco desse fenômeno, uma vez que, com o avanço da crise sanitária, a circulação de notícias falsas sobre as vacinas tornou-se cada vez mais predominante no país, superando a desinformação relativa a outros temas de saúde pública. Ademais, não apenas os imunizantes contra a COVID-19 foram alvo dessas narrativas enganosas, mas também outras vacinas, prejudicando a cobertura vacinal (Galhardi *et al.*, 2022).

A disseminação de fake news e desinformação contribuiu para o surgimento da chamada infodemia, fenômeno caracterizado pelo excesso de informações, que dificulta a verificação das fontes e a distinção entre conteúdos verdadeiros e falsos. Essa sobrecarga informacional somou-se ao grande volume de dados ao qual a sociedade já estava exposta antes da pandemia, impulsionado sobretudo pelos meios digitais e pelas redes sociais (Rosa; Barros; Laipelt, 2023). Durante a crise sanitária, esse processo foi intensificado pela politização do tema, resultando na minimização da gravidade da doença, o que comprometeu a confiança e a adesão da população à vacinação contra a COVID-19 (Souto *et al.*, 2024).

Segundo Souto *et al.*, (2024), a hesitação vacinal pode ser explicada, sobretudo, pelo medo e pela desinformação em relação às vacinas. Já Oliveira *et al.*, (2025) identificam que esse fenômeno também está associado à polarização política em torno da vacinação, bem como à influência de experiências pessoais que reforçam a hesitação ou mesmo a recusa vacinal, reação defensiva que evidencia tanto a identidade quanto a vulnerabilidade do indivíduo, de um grupo cultural ou mesmo de uma civilização.

Os principais mitos associados às vacinas geralmente dizem respeito a seus possíveis eventos adversos, como a ideia de que os efeitos colaterais poderiam provocar consequências fatais em longo prazo. Outro exemplo recorrente é a crença equivocada de que a vacina contra a influenza seria capaz de causar a própria gripe. Tais concepções equivocadas funcionam como importantes catalisadoras de desinformação, uma vez que competem cotidianamente com as orientações fornecidas por profissionais de saúde e com as evidências científicas já consolidadas (Dresh *et al.*, 2021).

No que se refere à polarização política em torno das vacinas, estudos apontam que declarações sobre imunizantes como a Pfizer, a CoronaVac e outros contribuíram para desmotivar a adesão da população à vacinação e favorecer a disseminação de conteúdos desinformativos. A análise realizada por Mota, Pimentel e Oliveira (2023) evidencia que os pronunciamentos de Bolsonaro apresentaram características de desinformação, incluindo a veiculação de conteúdos enganosos e fabricados, além de assédio e manipulação de informações referentes à eficácia dos imunizantes.

Tais alegações infundadas alimentam o medo e a desconfiança em relação às autoridades de saúde e às vacinas, prejudicando o enfrentamento de doenças que sobrecarregam o Sistema Único de Saúde (SUS). Esse fenômeno vem se intensificando desde a pandemia de COVID-19, período em que o fanatismo e a propagação de teorias da conspiração comprometeram tanto a adesão às medidas de prevenção quanto às campanhas de vacinação (Oliveira *et al.*, 2025).

O cenário de incertezas decorrente da crise de desinformação anteriormente discutida contribui para a erosão da credibilidade da ciência. Nesse contexto, a circulação de narrativas desprovidas de embasamento científico fortalece discursos conspiracionistas sobre diferentes temáticas, com destaque para o movimento antivacina. Tal fenômeno não apenas compromete a confiança da população nas instituições de saúde e na comunidade científica, como também pode ter impactado diretamente os índices de morbimortalidade associados à doença (Mota; Pimentel; Oliveira, 2023).

As redes sociais configuram-se como um principal meio de disseminação da desinformação. Embora o maior acesso à informação represente um avanço significativo, esse ambiente também se tornou propício à propagação de notícias falsas e à radicalização de posicionamentos. Nesse contexto, Massarani, Leal e Waltz (2020), ao analisarem 89 links de maior engajamento relacionados ao debate público sobre vacinas nas redes sociais, identificaram que 13,5% correspondiam a conteúdos classificados como fake news.

Em uma análise realizada na rede social X sobre os discursos brasileiros relacionados à vacina contra o HPV, Santiago *et al.*, (2022) identificaram disputas entre grupos favoráveis e contrários à vacinação. O estudo também evidenciou que o conhecimento da população brasileira a respeito do câncer do colo do útero, da vacinação e do próprio HPV ainda é bastante limitado, o que reforça o potencial da plataforma X como espaço estratégico para a disseminação de informações qualificadas e baseadas em evidências científicas.

A vacinação, historicamente marcada por controvérsias, reúne defensores no campo da saúde coletiva em contraposição a grupos que contestam os benefícios por ela proporcionados (Fernandes; Montuori, 2020). A recusa vacinal não configura apenas um risco individual, mas representa uma ameaça significativa à saúde pública, uma vez que favorece o ressurgimento de doenças previamente erradicadas ou sob controle epidemiológico, além de gerar maiores custos e sobrecarga ao sistema de saúde (Dresh *et al.*, 2021).

Ainda segundo evidências discutidas por Dresh *et al.*, (2021), a hesitação ou recusa vacinal configura-se como um fenômeno complexo, que não pode ser solucionado por meio de uma única estratégia. Os autores indicam que intervenções múltiplas tendem a ser mais eficazes que aqueles pontuais ou direcionadas, ainda que estas pareçam, em teoria, mais custo-efetivas. Entre as estratégias destacam-se as educacionais, pautadas no acolhimento das motivações individuais e na oferta de informações seguras sobre imunização.

1226

As redes sociais, embora favoreçam a disseminação de notícias falsas, também representam um espaço estratégico para a coprodução e ampliação de conteúdos confiáveis em saúde. Para tanto, é necessário reestruturar os canais de comunicação institucional, tornando-os mais ágeis e responsivos ao interesse da população, em vez de limitá-los a campanhas pontuais (Santiago *et al.*, 2022).

A literatura ressalta que enfrentar a hesitação vacinal exige uma abordagem que respeite as dúvidas individuais, mas que, ao mesmo tempo, fortaleça a perspectiva coletiva de saúde pública. Isso envolve a oferta de informações claras sobre vacinas, como a da dengue, além do enfrentamento ativo de mitos e desinformações. A participação de comunidades e lideranças locais fortalece a confiança e amplia a adesão (Oliveira *et al.*, 2025).

O medo de reações adversas evidencia a importância da divulgação de dados fidedignos sobre os reais riscos e benefícios das vacinas. Investimentos em políticas públicas que promovam confiança, garantam equidade no acesso, fortaleçam o PNI e assegurem a comunicação

transparente são fundamentais para consolidar uma cultura de vacinação no país (Simões *et al.*, 2024).

Nesse processo, segundo Oliveira; Bezerra; Oliveira, (2024), a atuação de figuras públicas e influenciadores digitais pode potencializar a aceitação da vacinação. Além disso, compreender a percepção dos profissionais de saúde é essencial, visto que eles são referências de confiança para a população. Em estudos na Atenção Primária, destacaram-se o medo e a fake news como os principais fatores de hesitação, sendo enfrentados com estratégias diretas de diálogo, visitas domiciliares e esclarecimento de dúvidas.

Dessa forma, Souto *et al.* (2024) destacam, em seu estudo, que os profissionais de enfermagem e os técnicos de enfermagem desempenham papel central na promoção da segurança dos pais em relação à vacinação, atuando no acolhimento, nas visitas domiciliares, nos procedimentos realizados nas unidades de saúde e nas salas de vacina. De maneira complementar, os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) exercem função estratégica na imunização infantil, pois, inseridos no território, realizam a busca ativa de crianças não vacinadas, estabelecem vínculos de confiança com as famílias e incentivam a adesão à vacinação.

CONCLUSÃO

1227

A análise evidencia que a desinformação e a disseminação de fake news configuram-se como fatores centrais para a compreensão da hesitação vacinal no Brasil, especialmente durante a pandemia de COVID-19. A infodemia, potencializada pelas redes sociais e pela polarização política, fragilizou a confiança da população nas instituições de saúde e nas vacinas, comprometendo a adesão às campanhas de imunização e favorecendo o ressurgimento de doenças preveníveis.

Nesse contexto, destaca-se a necessidade de estratégias múltiplas e integradas, que combinem ações educativas, comunicação em saúde transparente e o uso qualificado das mídias digitais como ferramentas de promoção da informação baseada em evidências. Investir na construção de vínculos de confiança com a população, no fortalecimento do PNI e no enfrentamento ativo de mitos e narrativas conspiratórias constitui caminho essencial para reverter o cenário de hesitação vacinal.

Por fim, o papel dos profissionais da saúde, especialmente da enfermagem, técnicos de enfermagem e agentes comunitários, mostra-se decisivo no processo de acolhimento, escuta e esclarecimento de dúvidas da população. Sua atuação direta nos territórios contribui não apenas

para a ampliação da cobertura vacinal, mas também para a consolidação de uma cultura de confiança na ciência e nas práticas de saúde pública. Dessa forma, enfrentar a hesitação vacinal exige uma abordagem coletiva, intersetorial e contínua, capaz de fortalecer a resiliência social diante das ameaças impostas pela desinformação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Fake news sobre vacinas: entenda os perigos da desinformação. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2025/fevereiro/fake-news-sobre-vacinasantenda-os-perigos-da-desinformacao>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CONASEMS – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. Questão de Saúde: de onde vieram as vacinas? Brasília: CONASEMS, 2022. Disponível em: https://portal.conasems.org.br/orientacoes-tecnicas/noticias/5798_questao-de-saude-deonde-vieram-as-vacinas. Acesso em: 11 mar. 2025.

DRESCH, L. S. C. *et al.* Fake news e vacinas na era “Pós-verdade”. *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, v. 14, n. 2, p. 9–24, 2021. Disponível em: <https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/2610>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FERNANDES, C. M; MONTUORI, C. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. *RECIIS*, v. 14, n. 2, 2020. DOI: 10.29397/reciis.v%vi%i.1975. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1975>. Acesso em: 28 ago. 2025.

1228

FIOCRUZ. “O que são vacinas?” Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, 9 de julho de 2022. Disponível em: <https://observadoencasinfeciosastrabalho.ensp.fiocruz.br/o-que-sao-vacinas/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

GALHARDI, C. P. *et al.* Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 05, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PBmHtLCpJ7q9TXPwVZ3kGH>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GALHARDI, C. P. *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, supl. 2, p. 4201–4210, out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl2/4201-4210/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

HOMMA, A *et al.* Pela reconquista das altas coberturas vacinais. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2023.v39n3/e00240022/pt/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. Imunização, uma descoberta da ciência que vem salvando vidas desde o século XVIII. São Paulo: Instituto Butantan, 2021. Disponível em:

<https://butantan.gov.br/noticias/imunizacao-uma-descoberta-da-ciencia-que-vemsalvando-vidas-desde-o-seculo-xviii>. Acesso em: 9 mar. 2025.

INSTITUTO BUTANTAN. PNI 50 anos: entenda por que o programa brasileiro de vacinação é referência internacional em saúde pública. São Paulo, 18 set. 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/pni-50-anos-entenda-por-que-o-programa-brasileiro-de-vacinacao-e-referencia-internacional-em-saude-publica>. Acesso em: 21 ago. 2025.

LIRA, A. I. *et al.* Comunicação em saúde e desinformação sobre COVID-19 em fact-checking de fake News. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 12, p. e56, 2022. DOI: 10.5902/2179769271263. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/71263>. Acesso em: 28 ago. 2025.

MASSARANI, L; LEAL, T; WALTZ, I. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, 2020. Disponível em: https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36suppl2/e00148319/pt/?utm_source=researcher_app&utm_medium=referral&utm_campaign=RESR_MRKT_Researcher_inbound. Acesso em: 28 ago. 2025.

MOTA, A. A. S; PIMENTEL, S. M; OLIVEIRA, A. V. M. G. Desordens informativas: análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro contra a vacinação de covid-19. *RECIIS*, v. 17, n. 2, p. 311-331, 2023. DOI: 10.29397/reciis.v17i2.3513. Disponível em: <https://homologacao-reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3513>. Acesso em: 28 ago. 2025.

NOGUEIRA, R. A. S. B *et al.* A revolta da vacina e seus impactos. *Científic@-Multidisciplinary Journal*, v. 8, n. 2, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/5914>. Acesso em: 21 ago. 2025.

1229

OLIVEIRA, I. M. *et al.* Elementos de desinformação na percepção pública sobre a vacina contra a dengue no Brasil: uma análise de comentários em mídias sociais. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 41, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2025.v41n3/e00097124/pt/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

OLIVEIRA, V. B. *et al.* O status da desconfiança: reflexões sobre a controvérsia hesitação vacinal e a covid-19. *RECIIS*, v. 18, n. 3, p. 736-751, 2024. DOI: 10.29397/reciis.v18i3.4362. Disponível em: <https://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/4362>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ROSA, S. S; BARROS, T. H. B; LAIPELT, R. C. F. O discurso antivacina no ontem e no hoje: a Revolta da Vacina e a pandemia da covid-19, uma abordagem a partir da Análise do Discurso. *RECIIS*, Vol. 17, n. 3, p. 616-632, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/268273>. Acesso em: 26 ago. 2025.

SALVADOR, P. T. C. O. *et al.* Inquérito online sobre os motivos para hesitação vacinal contra a COVID-19 em crianças e adolescentes do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 39, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2023.v39n10/e00159122/pt/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTIAGO, G. H. P. *et al.* A vacina contra o papilomavírus humano em discursos de brasileiros na rede social X. RECIIS (Online), 2024. Disponível em: <https://busqueda.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1586163>. Acesso em: 26 ago. 2025.

SIMÕES, T. C. *et al.* Descrição da cobertura e da hesitação vacinal obtida por inquérito epidemiológico de crianças nascidas em 2017-2018, em Belo Horizonte e Sete Lagoas, Minas Gerais. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 33, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ress/2024.v33nspe2/e20231188/pt/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

SOUTO, E. P. *et al.* Hesitação vacinal infantil e COVID-19: uma análise a partir da percepção dos profissionais de saúde. Cadernos de Saúde Pública, v. 40, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2024.v40n3/e00061523>. Acesso em: 28 ago. 2025.

VIGNAUD, L. H. O movimento antivacina é também um efeito da hiperinformação. Entrevista concedida ao Nexo Jornal, 13 out. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2021/10/13/o-movimento-antivacina-e-tambem-um-efeito-da-hiperinformacao>. Acesso em: 11 mar. 2025.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. A revisão integrativa: metodologia de atualização. J Adv Enferm, v. 52, n. 5, p. 546-453, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/3ZZqKB9pVhmMtCnsvVW5Zhc/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.